

FALA DE MIM

Gustavo Anderson

Graduando em Ciências Sociais
Universidade Federal do Paraná

Luana Maria de Souza

Graduando em Ciências Sociais
Universidade Federal do Paraná

Mariana Zarpellon

Graduando em Ciências Sociais
Universidade Federal do Paraná



Clique na imagem para assistir ao vídeo

O documentário "Fala de Mim" adota a perspectiva compartilhada de filmagem, uma vez que o direcionamento desta produção prioriza a voz de um dos interlocutores da experiência etnográfica: a de Patrick, carrinheiro há mais de vinte anos que, junto com sua companheira Silvana, residem em uma construção abandonada em Curitiba. Ao fazer uma leitura rápida e sagaz dos estudantes nesse contexto de negociações (sempre presente na alteridade), Patrick os percebe como agentes políticos fundamentais para concretizar o intento de reformar seu carrinho de coleta, instrumento necessário para sua atividade. Neste sentido, ele insiste para que o grupo grave e envie um vídeo com seu depoimento para um programa televisivo, de modo a intermediar sua participação em uma campanha beneficente. Com sucesso, a equipe de reportagem do programa vai ao prédio abandonado para tornar pública a situação desses moradores. A narrativa do filme contempla todo o processo mentalizado por Patrick: desde o período de idealização do pedido até seu desfecho, captando, respectivamente, sua expectativa sobre o trabalho dos estudantes em campo e a sua reação a partir dos resultados obtidos por este".

360

comentário

UM FILME PRA SE FALAR

Carlos Fausto

Professor de Antropologia

PPGAS-Museu Nacional

Universidade Federal do Rio de Janeiro

O que faz de um filme “feito pra faculdade” sobre um carrinheiro vivendo em um prédio abandonado em Curitiba, um filme notável? Esta é a pergunta que me fiz ao assistir “Fala de Mim”. Certamente, não é a sua perfeição técnica. “Fala de mim” é um filme sujo – no bom sentido da palavra. A câmera é irriquieta, varre a cena, procura, se perde, retorna; as imagens são cheias de ruído, pixeladas, de foco incerto; os enquadramentos são bizarros, as cabeças são cortadas, o torso e as mãos ocupam o primeiro plano do quadro. Nem sempre isso parece ser de propósito – em parte creio que é amorismo mesmo – mas funciona e funciona bem. Afinal, o mundo de Wanderlô Patrick de Souza Rodrigues, de sua mulher e de seu cão é assim mesmo – um mundo desprovido e excessivo, generoso e mesquinho, inquieto e servil. Wanderlô, como ele mesmo se define, “é um carrinheiro [... que] tava num prédio abandonado, invadiu, tem uma casinha dele, a casinha dele é elegante, tem tudo dentro, tem forno de microondas, tem bujão de gás, tem geladeira, tem o que comer, tem um cachorro, anda sempre com um dinheirinho no bolso”.

Wanderlô é um dos principais motivos de o filme ter uma pegada própria. Em 15 segundos, ele já está dirigindo a cena. Mariana – também personagem, também diretora – vacila ao explicar ao carrinheiro sobre o que o filme é (“sobre... se quiser, se não quiser a gente não...”), mas Wanderlô não vacila: o filme é sobre ele e sobre a sua necessidade de conseguir um carrinho novo por meio de um programa de TV, comandado por um deputado radialista. A partir daí, a sua fala afirmativa e articulada passa a dominar a paisagem auditiva enquanto a câmera varre a sua “casinha elegante”. A trama se define neste instante, quando o mundo de Wanderlô se cruza com o mundo da TV por intermédio do dispositivo “filme”.

Se Wanderlô é um achado, ele não é o único. A presença de Mariana dá uma textura dialógica particular à fita. Deslizando entre a condição de entrevistadora e de personagem, ela vai tecendo a trama do filme e sendo tecida por ela. O contraponto de Wanderlô é a sua mulher, desgrenhada e servil, a quem, à certa altura, a equipe oferece a câmera, gerando uma nova dinâmica. A cena adiciona mais um nexos relacional, forjado, como todos os demais, por meio de um aparato técnico: a própria câmera. Talvez seja este o ingrediente fundamental que faz de “Fala de Mim” um ótimo filme: em cena vão se construindo relações nas quais jamais sabemos quem dirige e quem é dirigido. As interações tem sempre um grau de incerteza e estranheza, uma indecidibilidade que não permite juízos de valor. “Fala de Mim” é um experimento em uma zona de risco, uma exposição à relação e, por isso só, é profundamente etnográfico.